

UM LITERATO FEMINISTA: JÔNATAS BATISTA E AS AMPLIAÇÕES DAS RESPONSABILIDADES FEMININAS EM TERESINA (1906-1927)

RONYERE FERREIRA

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

TERESINHA QUEIROZ

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

Este artigo busca analisar a participação dos literatos no processo de ampliação das responsabilidades sociais das mulheres, durante as primeiras décadas do século XX, em Teresina (PI), privilegiando a trajetória social de Jônatas Batista e seus posicionamentos perante o processo histórico que se desenrolava. Os escritos deste literato permitem identificar os debates sobre o feminismo e as novas demandas que surgiam na cidade. Como fontes, utiliza poemas, crônicas e a peça *Astúcia de Mulher*, escrita por Jônatas Batista em 1925. Argumenta-se que por meio das funções de cronista, dramaturgo, conferencista e poeta, Jônatas Batista buscou interferir em seu cotidiano e legitimar atitudes consideradas feministas, dentre elas a atuação na política, imprensa e esportes modernos.

PALAVRAS-CHAVE: Jônatas Batista; Feminismo; Teresina.

ABSTRACT

This article seeks to analyze the participation of writers in the process of enlarging social responsibilities of women during the first decades of the twentieth century in Teresina (PI), focusing on the social trajectory of Jônatas Batista and their positions before the historical process unfolding. The writings of this literary allow us to identify the debates about feminism and the new demands that emerged in the city. As sources, we use poetry, chronicles and the piece woman Cunning, written by Jônatas Batista in 1925. It is argued that through chronicler functions, playwright, lecturer and poet, Jônatas Batista sought to interfere with their daily lives and legitimate feminist attitudes considered, among them the role in political, media and modern sports.

KEYWORDS: Jônatas Batista; Feminism; Teresina.

Durante as primeiras décadas do século XX em Teresina (Piauí) nota-se o aumento das preocupações dos literatos com o avanço do feminismo, movimento que já se encontrava instalado em alguns países europeus e em um ou outro estado brasileiro, defendendo maior equivalência entre os sexos e a ampliação das responsabilidades sociais das mulheres. Essas novas demandas eram observadas com preocupação por intelectuais e integrantes da sociedade em geral, pois muitos enxergavam nessas atitudes uma subversão dos lugares ocupados pelos gêneros, desagregação familiar e social. Essas inquietações adentraram à imprensa periódica, transformando-a em arena propícia para exposições de argumentos e projetos para os lugares sociais que deveriam ser ocupados por homens e mulheres. Tendo isso em vista, o presente artigo busca analisar o processo histórico das ampliações das atuações sociais femininas em Teresina durante as primeiras décadas do século XX, privilegiando a trajetória de Jônatas Batista, literato que por meio de seus escritos evidenciou seus anseios diante a trama histórica que se desenrolava.

Nesse estudo analisamos escritos publicados em periódicos que contaram com a colaboração ou redação de Jônatas Batista, entre eles: *Alvorada*, *Revista da Academia Piauiense de Letras*, *O Arrebol*, *O Piauí* e *O Artista*. No contato com as fontes, amparamo-nos em estudos que compreendem esses escritos como projetos sociais coletivos, alertando-nos ainda para sua diagramação e hierarquia interna, pois esses elementos informam sobre a importância dada aos conteúdos dos textos e a seus autores¹. Especificamente, analisamos crônicas publicadas no período e uma comédia de costumes escrita por Jônatas Batista, *Astúcia de Mulher*, partindo do pressuposto de que esses textos literários integram o que Nicolau Sevcenko chamou de literatura moderna, carregando em seu bojo tensões, mágoas e desejos de mudança². Essas publicações são entendidas como integrantes do movimento social, possuindo íntima ligação com seu tempo e espaço de produção e contendo forte desejo de intervenção no social³.

Esses escritos foram publicados de forma crescente no decorrer das primeiras décadas do século XX, relacionados principalmente à educação, profissionalização e luta por inserção feminina na política. Textos de homens e mulheres, que muitas vezes recorriam ao uso de pseudônimos, manifestavam-se a favor ou contra ao feminismo, motivados especialmente pelas novas ações de seus adeptos em outros países. Sobre este aspecto, Elizangela Cardoso destaca:

¹ Conferir: BOTELHO, Denílson. Por uma história social da imprensa. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTOS, Maria L.; MONTE, Regianny L. (Org.). *Diluir fronteiras: interfaces entre História e Imprensa*. Teresina: EDUFPI, 2011, p. 13-33; LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 111-153.

² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29-30.

³ CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de História Social da crônica no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2005, p. 11-22.

Homens e mulheres – que principiavam a escrever na imprensa, – passaram a expressar seus pontos de vista acerca destas questões, tornando visíveis formas de significação que se embatiam no contexto, no âmbito das disputas pela hierarquização do social. Isto porque, embora o feminismo não tenha se tornado um movimento organizado em Teresina, as suas demandas impulsionavam a reflexão e a redefinição das relações de gênero⁴.

Essas novas demandas buscavam ampliar a atuação das mulheres na sociedade, visando à igualdade de acesso à educação formal, ao mercado de trabalho e sua participação na política, o que até então lhes era negado.⁵ Em contrapartida, buscando combater o processo que principiava, proliferaram-se nos periódicos artigos acusando-as de tentarem concorrer no espaço público aos homens. Sobre essa questão, Olívia Rocha destaca:

Nesse contexto, o avanço das mulheres no espaço público e nas atividades que antes eram monopólio masculino e as reivindicações sufragistas instalavam um clima de inquietações que ameaçavam um modelo de ordenamento social e familiar, constituindo um perigo iminente de perdas de espaços e poder pelos homens. Dessa forma, era preciso delimitar espaços de atuação para homens e mulheres na sociedade⁶.

Influenciado por essa inquietação e intentando interferir na sociedade, Clodoaldo Freitas, por meio de crônica intitulada “O feminismo”, informa-nos o que considerava como práticas feministas, seu pensamento sobre as obrigações das mulheres e sua instrução adequada. Para ele, uma jovem deveria ser educada para ser mãe de família, “pintora, costureira, cozinheira, gomadeira, modista, uma perfeita dona de casa, entendendo um pouco de tudo, principalmente das línguas, da música e das matemáticas elementares”, assim, as mulheres estariam restritas ao ambiente doméstico, ao passo que não deveria se envolver em atividades que compunham os deveres do sexo masculino⁷.

Para Clodoaldo Freitas, quando as feministas aderiam às práticas que estavam na moda, baseadas no exibicionismo público e em uma falsidade total – pó de arroz, dentaduras e cabeleiras postiças –, as mulheres estariam sacrificando “a ventura doméstica para gozar do direito de disputar ao homem

⁴ CARDOSO, Elizangela Barbosa. *Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina: (1920-1960)*. 2010. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 15.

⁵ CARDOSO, 2010, p. 15.

⁶ ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2011, p. 58.

⁷ FREITAS, Clodoaldo. O Feminismo. In: FREITAS, Clodoaldo. *Em roda dos fatos*. 2. ed., Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996, p. 71.

as prerrogativas inerentes a seu sexo”⁸. Dentre as obrigações pertinentes aos homens e que estariam sendo pretendidas pelas feministas encontram-se o direito de votarem e serem votadas, a escrita jornalística, as atividades comerciais, dentre outros campos. Em seus termos:

Estamos em um tempo em que a mulher entra conosco, resolutamente, na grande peleja pela vida e conosco se enxovalha na poeira das estradas, no foro, nas artes, nos hospitais, no comércio e até na política, já não falando nas igrejas, que são seu elemento preferido⁹.

A escrita de Clodoaldo Freitas nesse artigo é revestida de um conservadorismo que nos serve como exemplo de um pensamento amplamente difundido entre os homens na sociedade teresinense de início do século XX, que associava as mulheres ao ambiente doméstico, desempenhando o papel de mãe protetora, esposa cuidadosa e dona de casa profissional.

Doze anos após Clodoaldo Freitas, em crônica publicada no jornal *O Arrebol*, o colunista Dr. Y. Y criticava os rumos nas relações de gênero e o movimento feminista que supostamente se encontrava espalhado pelo mundo. O cronista acusava serem as feministas continuadoras de uma subversão da ordem natural e iniciada por Eva ao cometer o pecado inicial, destacando ainda que “Na velha Europa, a conservadora, elas alcançaram vitórias consideráveis e na América elas estão também na vanguarda”¹⁰.

Para Dr. Y. Y, com o avanço do feminismo a sociedade encontrava-se marcada por instabilidade nas relações sociais e familiares, e que tudo tenderia a mais modificações. Durante o período que escrevia, idos de 1923, o movimento emancipacionista das mulheres tornava-se ainda mais frequente no cotidiano teresinense, ocasionando o surgimento de inúmeras crônicas em jornais e debates acalorados nas mais diversas ocasiões, como podemos notar no texto do cronista de *O Arrebol*, quando relata um suposto diálogo durante um baile:

No outro canto do vasto salão o Dr. Morgado Filho, cercado de belas senhoritas de vestidos bem decotados atacava furiosamente o feminismo.

- A mulher não deve ter a liberdade que deseja, ela só serve para o jugo.
 - Não apoiado. Por que não merecemos a liberdade? Ruidosamente as vozes femininas responderam.
 - Por todas as razões.
 - Algumas delas Dr.!...
 - Y. Y. Faz favor.
- Matando a minha recordação aproximei [...]

⁸ FREITAS, 1996, p. 73.

⁹ Ibid., p. 71.

¹⁰ DR Y. Y. Feminismo. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 39, 10 jun. 1923, p. 3.

- Sim. O feminismo. Agora dize a estas senhoritas a razão da mulher não merecer a liberdade de pensar.
- Alto lá. Todos merecem a liberdade de pensar...
- muito bem Dr. Y. Y.
- Mas eu tenho a opinião de Beaufreton... [...]
- ... em toda mujer palpita la madre y este carácter materno, es quizàsel que presta al amor feminino tanto encanto y tanta dulzura¹¹.

Por meio deste diálogo o cronista expressa opinião semelhante à de Clodoaldo Freitas, reforçando o caráter natural da maternidade e associação das mulheres ao ambiente privado. Contudo, é pertinente destacarmos que tal pensamento nas primeiras décadas do século XX não é generalizado entre os literatos, mas representativo de parcela da sociedade, principalmente aquela pertencente a grupos sociais de hierarquia tradicional. A atuação doméstica às mulheres de grupos sociais mais desprovidos é ilusória, sendo que com frequência metiam-se no espaço público para auxiliar ou proverem o lar¹².

Durante as primeiras décadas do século XX é possível notarmos diversas manifestações de apoio à ampliação das responsabilidades sociais das mulheres. Tal adesão, não contava unicamente com a presença feminina, angariando homens de letras reconhecidos que contribuíram para as conquistas do movimento ao passo que incentivavam a inserção feminina na educação, na política e nos espaços públicos de sociabilidades. A propaganda feminista poderia ser encontrada em diversos artigos de jornais, alguns de autoria feminina declarada, outras que assinavam com pseudônimos, assim como textos rubricados por homens de letras respeitáveis. Dentre eles encontrava-se Jônatas Batista, que durante diversos momentos de sua atuação na cidade manifestou-se sobre o feminismo.

Nascido em 1885 no povoado Natal, atual cidade de Monsenhor Gil (PI), Jônatas Batista mudou-se ainda criança para Teresina, capital do Piauí, onde estudou em escolas particulares e posteriormente no Liceu Piauiense, este último foi fundamental para sua inserção no mundo das letras, pois entrou em contato com docentes renomados na literatura piauiense e construiu amizades que perduraram toda vida, fundamentais para seu livre acesso nas redações de jornais e no meio cultural teresinense.

Durante o período que residiu em Teresina, foi funcionário público, poeta, cronista, contista, ator e dramaturgo, nesta última, escreveu várias peças que lhe possibilitaram o acesso à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Higino Cunha, intelectual de prestígio no norte brasileiro durante o período, em esboço histórico sobre o teatro em Teresina destacou a obra de Jônatas Batista como a única significativa:

¹¹ DR Y. Y, 1923, p. 3.

¹² As mulheres pobres em Teresina desenvolveram diversas atividades com o intuito de auxiliarem no sustento da casa, encontrando-se operárias, nas poucas fábricas existentes, empregadas domésticas, vendedoras e muitas recorrendo à prostituição. Conferir: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres plurais*. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2013, p. 126-135.

Além de algumas tentativas malogradas de Licurgo de Paiva e de um drama religioso sobre *O Natal* do Dr. Luiz Correia, somente as obras de Jônatas Batista merecem figurar nesta resenha histórica. O seu drama *Jovita, ou a heroína de 1865*, as suas revistas de costumes, principalmente *O Bicho*, os seus monólogos e canções, tão aplaudidos pelo nosso público, já tiveram repercussão lá fora, onde não contamos nenhum teatrólogo, e lhe facilitaram ingresso na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, da qual é sócio, o único piauiense que mereceu tamanha honra, até hoje¹³.

Na imprensa, o literato redigiu pelo menos cinco jornais e colaborou em dezenas de outros no Piauí, Pará e Acre durante o período de 1906 a 1927, quando se mudou para o Pará, onde assumiu cargo disputado em concurso público realizado ainda no ano de 1906. No meio deste intervalo, casou-se, teve nove filhos e transformou-se em escritor assíduo e reconhecido, proferindo palestras e buscando interferir em seu cotidiano, característica esta marcante da literatura piauiense do período¹⁴.

No início do século XX, quando ainda estava iniciando sua carreira literária, manifestou amplo apoio às mulheres que se aventuravam no fazer jornalismo em Teresina, como podemos observar em sua colaboração ao jornal *Borboleta*, criado em 1904 e redigido por três jovens moças: Helena e Alayde M. Burlamaqui, e Maria Amélia Rubim. Nesse periódico a maioria do conteúdo publicado era assinada por mulheres.

No *Borboleta*, Jônatas Batista colaborou especialmente com poesias, que possuíam como temática recorrente a mulher. Em homenagem ao primeiro aniversário do jornal o literato enviou para publicação o poema "Musa"¹⁵. Essa data marcou ainda a mudança de formato impresso da publicação, substituindo a versão manuscrita e de publicidade reduzida. A iniciativa contava ainda com o apoio de alguns escritores, dentre eles Abdias Neves¹⁶, Esmaragdo de Freitas¹⁷ e Nei da Silva¹⁸. O apoio destes literatos ganha relevo se considerarmos o período temporal e ambiente social no qual o periódico circulava em Teresina, momento histórico em que leitura e escrita feminina passavam por rigorosa crítica e tentativa de controle e, quando existentes produções literárias, cabia ainda sua privacidade ou publicidade em meio aos amigos e familiares, o que justifica em parte o jornal *Borboleta* ter perdurado treze números em formato manuscrito.

No primeiro número impresso do *Borboleta*, as jovens manifestaram através do editorial que a pretensão seria trabalhar em defesa do progresso e

¹³ CUNHA, Higino. *O teatro em Teresina*. Teresina: Tipografia do Correio do Piauí, 1922, p. 4.

¹⁴ QUEIROZ, Teresinha. Literatura e história social. In: QUEIROZ, Teresinha. *História, literatura, sociabilidades*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 104-5.

¹⁵ BATISTA, Jônatas. Musa. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 14, 29 out. 1905, p. 3-4.

¹⁶ NEVES, Abdias. Flores Murchas. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 17, 29 jan. 1906, p. 2.

¹⁷ FREITAS, Esmaragdo de. Orgulhosa. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 17, 29 jan. 1906, p. 3.

¹⁸ SILVA, Nei da. Prometeu. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 18, 01 mar., 1906, p. 2.

dos bons costumes da cidade, contudo, demonstraram o receio perante o momento de publicidade de seus textos em meio a um círculo dominado por homens:

E sempre lutando contra os obstáculos que costumam se apresentar nas lides jornalísticas, conseguimos hoje vencer um ano de ingentes esforços e realizar o nosso mais ardente desejo, que era apresentar impresso o nosso pequeno jornal [...] Há muito que desejávamos atirá-lo assim aos ventos da publicidade, porém, tínhamos que não fosse bem acolhida essa nossa ideia¹⁹.

O temor manifestado no artigo nos informa sobre o fazer jornalístico por mulheres, que era antecipado por obstáculos à sua publicidade intelectual e posterior a ela, isso devido os supostos “perigos que atravessam a vida jornalística”²⁰, podendo resultar inclusive em hostilidades em forma de críticas públicas por meio da imprensa.

Os quatro primeiros números impressos do periódico foram marcados por um tom levemente ácido por parte das redatoras, inicialmente mencionando a possibilidade de encontrarem barreiras no meio jornalístico e, posteriormente, tornando-se mais enfáticas em seus questionamentos sobre o lugar social ocupado pelas mulheres. Por meio de outro editorial as moças tornam pública a opinião de que a instrução secular, por ser um tesouro, deveria ser procurada inclusive por mulheres. Para elas, a educação não deveria ser somente de cunho doméstico e não teria somente o papel de um adereço, mas a função de habilitá-las para todos os momentos da vida. Lê-se:

Muitos pensam que a mulher deve esmerar-se mais na educação doméstica, eu porém não penso assim, acho que ela não deve conquistar títulos que não estejam ao seu alcance, mas deve estudar e trabalhar muito com o fim de certos conhecimentos seguindo assim o exemplo de Maria Amália Vaz de Carvalho, Júlia Lopes de Almeida, Ignez Sabino e tantas outras que têm sabido se impor pela sua vasta ilustração²¹.

Argumentando em defesa de seus pensamentos, declara que a educação secular seria útil para exercerem a maternidade com maior eficiência, tornando seu filho “dócil e obediente”, para no futuro exercerem papel de destaque e orgulharem a sociedade²². Nesta alegação em favor de novos rumos para a educação feminina, as jovens faziam uso de estratégia comum às

¹⁹ BORBOLETA. Primeiro Ano. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 14, 29 out. 1905, p. 1.

²⁰ R, M. A. [Maria Amélia Rubim]. A nossa atitude. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 15, 29 nov. 1905, p.1.

²¹ B, A. [Alayde Burlamaqui]. Adorno da mulher. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p.1.

²² M. [Maria Amélia Rubim]. Em prol da educação. *Borboleta*, Teresina, ano 1, n. 16, 29 dez. 1905, p. 1-2.

feministas de outros países, técnica refinada que consistia na valorização da maternidade enquanto uma função social, buscando assim ampliar seus direitos²³. Igualmente, ao priorizarem essa reivindicação atuavam em uma área fundamental, pois se atendida “possibilitava a abertura de outras portas e outros caminhos no espaço público”²⁴. Portanto, a educação secular seria basilar para uma ampliação do campo feminino de atuação, já que os ensinamentos recebidos até aquele momento eram basicamente domésticos. Sobre a instrução neste período, Castelo Branco destaca:

Passando a analisar a educação feminina especificamente em Teresina, no final do século XIX e início do XX, podemos observar que ela continuava a ser marcadamente voltada ao aprendizado de atividades domésticas. A casa continuava a ser o espaço reservado à mulher, por isso sua educação voltava-se preferencialmente para o aprendizado de atividades como cozinhar, cuidar da casa, dos filhos, costurar, bordar e outros serviços domésticos quase sempre ensinados pela própria mãe. A vida feminina direcionava-se para o casamento, que era uma das únicas formas de realização pessoal para as mulheres, e as atividades domésticas eram essenciais para que executassem bem as funções de esposa, mãe e dona de casa²⁵.

A inserção das mulheres na educação, proposta no *Borboleta*, desejava capacitá-la para ocupar outros lugares na sociedade, inclusive intelectualmente por meio da escrita e leitura. Até então, a prática de escrever, quando aceita, deveria voltar-se para temáticas leves, enquanto as leituras eram frequentemente controladas, principalmente com o intuito de reprimir gêneros literários considerados inadequados, como romances naturalistas ou excessivamente românticos²⁶.

Esse controle provocava desconfianças sobre as revistas voltadas ao público feminino, pois em seu programa estariam crônicas, contos, poesias, “matérias sobre vestuário, cuidados do lar e dos filhos, o sexo oposto e o feminismo”²⁷. Desta forma, o próprio ato de redigir revistas voltadas para esse público poderia configurar-se como adesivo a uma ampliação das responsabilidades femininas na sociedade.

Em ambos os casos Jônatas Batista era singular, o literato não só defendia a escrita feminina como sua liberdade temática. Em relação à leitura, incentivou sua prática em algumas de suas iniciativas culturais, já que redigiu pelo menos duas revistas voltadas para mulheres, onde veiculava crônicas sociais e sobre a moda, artigos literários, poesias e feminismos.

A defesa do literato pela ampliação da atuação social e intelectual das mulheres pode ser percebida por meio de uma crítica literária veiculada na

²³ CARDOSO, 2010, p. 15.

²⁴ ROCHA, 2011, p. 69.

²⁵ CASTELO BRANCO, 2013, p. 77.

²⁶ ROCHA, 2011, p. 71.

²⁷ Ibid., p. 38.

Revista da Academia Piauiense de Letras, na qual argumentou longamente a favor da obra de Gilka Machado, poetisa muito criticada no início do século XX devido o erotismo presente em seus escritos. Por meio de seu texto, Jônatas Batista recriminou as censuras feitas aos escritos de Gilka Machado, para ele, os censores não passavam de moralistas, que através de indelicadezas e grosserias insultavam-na por meio da imprensa do Rio de Janeiro²⁸.

Para o literato piauiense, as análises negativas da produção de Gilka Machado seriam mais “o extravasamento de um despeito incontido do que um estudo calmo, sincero e criterioso de um trabalho artístico”²⁹. Jônatas destacou que os críticos, longe de apagarem a importância literária da carioca, por meio de sua desqualificação, iriam torná-la mais conhecida e apreciada. Em seus termos:

[...] os rotineiros da arte, os conservadores, os caturras impenitentes não perdem vasa atirando-lhe todas as farpas envenenadas da maldade e da ironia... [...] Tudo isso, porém, longe de lhe empanar o brilho, longe de lhe diminuir o valor próprio, ao contrário, mais a elevará, tornando-a, se possível for, mais conhecida, mais admirada. Admirada, sim, moralistas e exagerados, críticos espetaculosos, por que os lindos versos de Gilka Machado são daqueles cuja leitura a gente se não cansa de repetir, de repetir sempre³⁰.

107

Ao findar sua análise, classificou Gilka Machado como a melhor poetisa brasileira em atividade, à altura de poetisas renomadas. Esse parecer é uma fonte privilegiada sobre seu posicionamento em relação às funções das mulheres no período, configurando-se como subversivo, pois defendeu a manifestação artística feminina, mesmo que praticado por meio de poemas eróticos, em meio a uma sociedade que, em grande parte, relutava contra o avanço do feminismo. Essa defesa de Jônatas Batista à ampliação das responsabilidades das mulheres nos meios literários e sociais igualmente se fazia por meio dos periódicos que redigia.

Em 1910, por meio da revista literária *Alvorada*, a qual era um dos redatores, publicou uma pequena crônica, extraída de um periódico de outro estado, no qual o autor faz uma comparação entre as mulheres piauienses e as mineiras, estas que reivindicavam o direito ao voto. Lê-se:

Segundo notícias telegráficas, as senhoras do Caeté, em Minas, pediram à câmara municipal o direito de votar nas eleições respectivas; as senhoras do Piauí ofereceram ao navio de guerra, que tem o nome desse estado, uma bandeira de seda bordada à ouro. [...] E eis como debaixo do mesmo céu

²⁸ BATISTA, Jônatas. Gilka Machado. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, ano 1, n.1, jun. 1918a, p. 169.

²⁹ BATISTA, 1918a, p. 169.

³⁰ Ibid., p. 169-170.

estrelado [...] as mulheres se dividem em preocupações diferentes: umas fazem política, outras fazem bordado³¹.

O cronista destaca ainda que as duas ocasiões poderiam ser compreendidas como duas bandeiras distintas, dois projetos de atuação social para as mulheres, eximindo-se de opinar sobre a melhor escolha. Apesar de não apontar sua preferência, permite-nos identificar uma espécie de desqualificação da atitude das mulheres piauienses. Possivelmente, os redatores da *Alvorada* reproduziram a crônica com o intuito de informar às leitoras as atitudes feministas que ocorriam em outras regiões, fazendo com que visualisassem “perspectivas de realização que ultrapassassem as fronteiras do espaço doméstico”³².

Dessa forma, percebe-se um literato que em diversos momentos se manifestou com o intuito de legitimar uma expansão no movimento cotidiano das mulheres na sociedade. Com o passar dos anos, nota-se o escritor ainda mais íntimo das demandas femininas, defendendo até mesmo a inclusão das mulheres em esportes considerados modernos e praticados predominantemente por homens.

Em discurso proferido em setembro de 1918, na ocasião de inauguração do campo de futebol da Praça Benjamin Constant, pertencente ao Artístico Futebol Clube, diante do então governador do estado e de senhoras e senhores da sociedade teresinense, o literato defendeu a inserção das mulheres nos esportes considerados modernos no início do século XX, entre eles, o futebol. Em sua fala, Jônatas lamentou a insensibilidade feminina em relação a novas demandas que exigiam cuidado com o corpo:

Pena é que a mulher piauiense, eu o digo com tristeza, ainda não tenha, por sua vez, despertado da quase indiferença em que vive pelos modernos *sports*, conservando-se constringida entre as talas dos espartilhos que deformam o corpo, pouco afirmada nos altos sapatos Luiz XV, cujos taçães, exageradamente elevados, têm sido a causa de tantos desvios incuráveis, de tantas infelicidades na vida doméstica³³.

Além das queixas, o literato criticou a forma com o qual as mulheres faziam uso descomedido da moda, levando, em muitos casos, a prejuízos à própria saúde. Em seguida, teceu censuras ao modelo de educação masculina e feminina, enraizados unicamente no desenvolvimento intelectual e em detrimento ao incremento corporal, sugerindo uma reforma em regra. Para a substituição desse tipo de instrução, fez uso da situação para propor uma propaganda “dirigida com inteligência e muito critério”³⁴ em defesa do esporte e aperfeiçoamento corporal. Após o aprimoramento físico, a sociedade contaria com homens fortes e mulheres perfeitas, sem a necessidade de exageros

³¹ MAIA, Gonçalves. Política e bordados. *Alvorada*, Teresina, ano 2, n. 16, p. 7-8.

³² ROCHA, 2011, p. 69.

³³ BATISTA, Jônatas. Discurso. *O Artista*, Teresina, ano 1, n. 1, 22 set, 1918b, p. 2.

³⁴ BATISTA, 1918b, p. 2.

estéticos. Assim, após o fim da inércia corporal e do modelo tradicional de educação, a raça humana estaria salva e apta ao progresso:

Apenas ousar lembrar que a educação de estufa que ainda adotamos, posto que sem os exageros de nossos avós, não pode continuar, sob pena do enfraquecimento da nossa raça que irá, fatalmente, degenerando, sucumbindo, desaparecendo. As flores de sombra, notai bem, são infinitamente mais tristes e menos formosas que as flores do sol³⁵.

A postura de Jônatas Batista diante da plateia é provocante: o que teria levado o literato a propor tal reforma da educação, especialmente feminina? Ao analisarmos o estatuto regente do Artístico Futebol Clube, poderíamos encontrar alguma indicação ao literato sobre tal temática, contudo, o documento praticamente não se refere às mulheres.

O estatuto destaca os objetivos da instituição, que seria o desenvolvimento físico de seus sócios, além de organizar jogos, concursos e possíveis premiações, delimitando as formas de angariarem recursos financeiros, as obrigações e deveres pertinentes aos sócios, as atribuições da diretoria e disposições gerais. Referente às mulheres, destaca-se que ficaria "criada uma ordem de associadas especiais, para maior destaque social do clube. As associadas não contribuirão para os cofres sociais; terão direito aos bilhetes de festas levadas a efeito pela sociedade"³⁶.

Mediante as informações anteriores, percebe-se que as mulheres não possuíam os mesmos direitos e deveres que os homens, já que sua condição de associadas estava delimitada em artigo diferente dos demais. A participação das mulheres no clube esportivo era limitada, davam destaque social às solenidades, porém, ficavam vetadas sua participação em treinamentos e jogos, bem como seu aperfeiçoamento físico. Sendo assim, a postura de Jônatas sugere objetivo além dos explícitos.

Em meados da década de 1900, começaram a surgir algumas escolas particulares voltadas para atender ao público feminino, a primeira delas, Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundada em 1906 pelo Bispo e freiras catarinas europeias, objetivava opor-se ao ensino leigo, instruir as mulheres, moldar seus comportamentos, transformando-as em mulheres religiosas e apegadas aos ensinamentos cristãos³⁷. Em seu conteúdo programático destaca-se o ensino de pintura, música, idiomas, bordados, confecções de flores, expressão literária e exercícios físicos³⁸, o que sugere a realização de atividades por parte das estudantes. Esses exercícios certamente ocorriam em ambientes privados da escola, desse modo, assim que as moças cessassem os estudos, não teriam um local adequado ou liberdade para se intrometerem em meio aos ambientes esportivos masculinos.

³⁵ Ibid., p. 2.

³⁶ ESTATUTOS do Artístico Futebol Clube. *O Artista*, Teresina, ano 1, n. 1, 22 set. 1918, p. 3-4.

³⁷ CASTELO BRANCO, 2013, p. 80-81.

³⁸ ROCHA, 2011, p. 50.

Dessa forma, é possível que o literato tenha aproveitado a ocasião e seu lugar como homem de letras, para tecer críticas à educação doméstica das mulheres, ao passo que buscava ampliar o espaço de atuação social do público feminino, pois, para jogarem futebol, teriam de recorrer aos campos que se localizavam nos largos que a cidade possuía. O literato ainda defendia o acesso das mulheres em outros âmbitos da sociedade, inclusive na política, como pontuamos anteriormente.

Em relação à participação política das mulheres no período, segundo Elizângela Cardoso, o literato era simpático, defendendo por meio de seu jornal *O Nordeste* a candidatura da professora Josefa Ferraz ao cargo de Conselheiro Municipal, nas eleições de 1920, quando angariou sete votos. Os votos que a professora recebeu significaram para o literato uma maior adesão ao movimento feminista:

Quer dizer, nada mais nada menos, que o povo, numa proporção animadora, reconhece o direito que a mulher, tanto quanto o homem tem de votar e ser votada, para qualquer cargo eletivo. Com franqueza que o fato nos encheu de entusiasmo, e é ainda possuídos desse entusiasmo que mandamos à professora Josefa Ferraz os nossos calorosos parabéns por ter sido, no Piauí, segundo nos consta, a primeira mulher cujo nome aparece nas urnas. É sempre assim que as ideias crescem, ganham solidariedade da opinião pública, tornando-se mais tarde a mais bela e radiante realidade³⁹.

110

O entusiasmo do literato era motivado por sinais na cidade de que as mulheres estariam buscando maior movimentação nos espaços públicos, atitudes essas pregadas por Jônatas há pelo menos uma década, que crescia e radicalizava-se com seu amadurecimento intelectual, desembocando em uma crítica sistemática em relação ao cotidiano de muitas mulheres após o matrimônio, isso por meio de sua comédia *Astúcia de Mulher*, encenada no ano de 1925.

Astúcia de Mulher, com texto de Jônatas Batista e composições musicais de sua esposa, Durcila Batista, passa-se em ambiente urbano e hábitos contemporâneos, o que sugere uma íntima ligação com seu ambiente de produção. Os personagens da trama são Laura, de dezoito anos, e Jorge, de vinte e dois, recém-casados.

A peça inicia-se com a moça lendo impaciente enquanto espera o marido, que logo ao chegar anuncia estar de passagem, pois teria de ir ao baile em comemoração ao aniversário de um amigo. Após se arrumar, Jorge despede-se de Laura sem convidá-la e promete não demorar, seria somente o tempo de duas ou três danças. Revoltada com o tratamento do marido a jovem desabafa à plateia: “É demais!... Nem, ao menos, tem a delicadeza de me consultar se também desejo ir ao baile”. Após a saída de Jorge, Laura decide se utilizar da distração e ciúmes do marido e deixa uma antiga carta sua na sala,

³⁹ BATISTA, 1920 *apud* CARDOSO, 2010, p. 45.

sem a assinatura do destinatário, contendo delicadezas e marcando um encontro, simulando assim uma traição.

Em seguida, Jorge volta repentinamente para buscar um lenço e pede para que a esposa vá buscá-lo. Ao encontrar-se sozinho na sala, observa o papel jogado e começa a ler, percebe então que se trata de uma carta de amor destinada à esposa, marcando urgentemente um encontro. Sem reconhecer sua própria letra, pede explicações:

Laura – Aqui está o lenço. Avia-te, se não queres perder a amável companhia de teu amigo...

Jorge – (que não recebe o lenço, depois de ligeira pausa) – Senhora, preciso de uma explicação sua...

Laura – (contendo o riso) – Que modos!...

Jorge – Não dissimule. Lembre-se de que um homem desonrado é capaz de todas as loucuras.

Laura – (sempre contendo o riso) – Mas, afinal? Explique-se. Teria esquecido outra qualquer coisa?

Jorge – O caso é mais grave que o supõe (pega-lhe o braço, com ímpeto, trazendo-a, ainda mais à boca de cena) – Diga-me, senhora, quem é o signatário de semelhante infâmia?

Laura – (fingindo surpresa) Ah!... O autor deste bilhete amável?

Jorge – (Cada vez mais enfurecido) – Amável, para a senhora, mas nojento, para mim. Diga-me: - tamanho arrojo?⁴⁰

Na sequência do diálogo Laura busca prolongar a revelação do destinatário da carta, enquanto Jorge mostra-se mais impaciente e ameaçando perder o cavalheirismo. Mesmo diante da irritação crescente do marido, a jovem começa a questionar seus atos, suas andanças pela rua ao passo que ela permanecia carente em casa: "Laura- (imperiosa) – Diga-me, senhor que mal haveria em procurar eu uma distração, um meio de matar o tempo, o consolo de um 'flirt', quando o meu 'rico marido' passa os dias na rua e as noites nos cafés?"⁴¹.

Findando as "afrontas" ao marido, entrega a outra metade do bilhete e, enfim, ao ler rapidamente, Jorge reconhece sua assinatura, sentando-se "cansado e abatido". Após descobrir-se envolvido na artimanha da esposa, decide não mais ir ao baile, mas acaba convencido de ir acompanhado de Laura, pois a ideia lhe teria dado uma lição, fazendo-o "um homem bem diferente do que fui; um marido inteiramente ao contrário do que era até bem poucos instantes". A peça se finda com Jorge redimido, Laura esperançosa, e ambos cantando as felicidades futuras.

O detalhamento do enredo, por mais minucioso que fosse, não exploraria as significações históricas de *Astúcia de Mulher*, menos ainda a densidade da crítica social que Jônatas Batista reveste a obra. Por meio desta

⁴⁰ BATISTA, Jônatas. *Astúcia de Mulher*. *O Piauí*, Teresina, ano 36, n. 88, 16 abr. 1925, p. 4.

⁴¹ BATISTA, 1925, p. 4.

peça, desde as primeiras falas de Laura o literato questiona as vivências que a instituição do casamento proporcionava, muitas vezes, às mulheres.

Lembremos que a década de 1920 foi marcada pela ampliação significativa da liberdade feminina, com algumas mulheres inseridas na educação formal, escrevendo na imprensa e com os adeptos do feminismo fazendo ecoar suas reivindicações por meio dos periódicos. Contudo, a equivalência entre os sexos estaria longe de ser concretizada, notando-se a permanência de formas de pensar conservadoras e que pregavam a limitação das mulheres ao meio privado.

Se considerarmos os crescentes debates sobre as obrigações dos gêneros no período, *Astúcia de Mulher* pode ser compreendida como uma sátira das artimanhas femininas na perseguição de seus objetivos, contudo, é difícil imaginar a astúcia na forma como Laura contornou sua situação de confinamento doméstico. Por mais avanços que as mulheres tenham tido na década de 1920, muitas continuavam na situação de dependência social, em que sua vontade era entendida por muitos como a extensão dos desejos dos maridos, e sua liberdade, simples concessões matrimoniais. Portanto, as atitudes de Laura configuram-se como um embate direto ao marido, não se enquadrando na política cotidiana dos dependentes.

Segundo Sidney Chalhoub, a política dos dependentes não é isenta de resistência, porém, não consiste no embate direto com o opositor, e sim em movimentos sinuosos e dissimulados, com o intuito de induzir nos demais as ações que lhe interessam.⁴² Percebe-se, assim, que Laura, mesmo encontrando-se numa sociedade marcada pela dependência das mulheres ao marido, seguiu caminho inverso, dizendo verdades e partindo para o conflito direto, como se estivesse denunciando as “agressões” sofridas ao “agressor”.

Por meio destas disposições, Laura é considerada astuciosa devido a sua tática em percorrer caminhos perigosos, levando-se em consideração sua situação social, sempre sujeita às retaliações, como ela mesma nos informa ao perguntar a Jorge se estaria irritado com a galhofa empreendida: “Laura – (abraçando-o) – E, então? Estás zangado com a tua mulherzinha, por essa brincadeira?”⁴³.

A construção desse embate direto entre Laura e Jorge não se configura como uma criação sem intenções objetivas do dramaturgo, quem sabe o contrário, mostra-se parte fundamental para desenvolver sua análise social sobre as relações matrimoniais do período. Os personagens da peça podem ser compreendidos como uma materialização literária de duas formas de pensar distintas sobre as posições das mulheres na sociedade teresinense.

Jônatas Batista mostra através de Jorge um pensamento tradicional da sociedade, no qual se atribui aos homens grandes liberdades e associa as mulheres ao ambiente privado, como podemos observar quando surpreende

⁴² CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 58-93.

⁴³ BATISTA, 1925, p. 4.

Laura ao recitar versos: "Jorge – Jesus!... Temos uma poetiza!... Olha que as mulheres que fazem versos, em regra geral, são péssimas donas de casa"⁴⁴.

Por outro lado, Laura representa o descontentamento de mulheres em relação às suas funções sociais e as desigualdades de direitos existentes dentro do casamento, assim como o exemplo a ser seguido para reais avanços em sua liberdade. Por meio dela que, em diversos momentos, as denúncias e a militância literária de Jônatas Batista pela ampliação das responsabilidades sociais das mulheres ganham envergadura. Vejamos a primeira fala da comédia:

É, realmente, para desesperar!... Casa-se a gente prelibando um paraíso de delícias, um céu constante de gozos e felicidades, para, depois, mal são passados os quinze primeiros dias, ter saudade do tempo de solteira!... [...] Por que somente ao marido é dado ampliar o mais que pode a liberdade desproporcional que lhe concede a sociedade? A eles – os homens – tudo; a nós – as mulheres – quase nada ou coisa nenhuma. Ora, isso revolta!...⁴⁵.

Pelo trecho destacado, percebe-se o descontentamento de Laura com o casamento, que não concretizou suas expectativas românticas, igualmente manifestando sua indignação com as diferenças de liberdade que dispunham homens e mulheres. Contudo, tal indignação é proclamada ainda no começo, a fala da jovem aos poucos ganha consistência, atacando sua solidão noturna, "enquanto Jorge – cruel e desumano – vive do clube para as farras, dos bailes para o jogo!"

Por meio de Laura, o literato nos informa sobre a sorte de muitas jovens do período ao se casarem, que se desiludiam e protestavam em silêncio, lembremos que as queixas de Laura até o meio da peça são proferidas unicamente à plateia. A condição única de dona de casa e a construção de uma imagem familiar ideal e alegre eram associadas a uma prisão confortável em plena idade em que as jovens deveriam se divertir: "Quanto mais preciso de viver, de gozar, de ter liberdades e alegrias, eis que me atiram em um cárcere, disfarçado em lar feliz, para uma prisão com alcova de luxo, para o isolamento constante e desesperador"⁴⁶.

Segundo o literato, esse isolamento seria responsável pela desconfiança que as mulheres casadas manifestavam em locais públicos, pois teriam se desacostumado com esses ambientes após o enlace. Mas a crítica central volta-se para a desigualdade de direitos entre homens e mulheres, que se explicitavam pelo antagonismo nos casamentos. Ao homem era permitido frequentar os ambientes elegantes, cafés, bailes, cervejarias, teatro, cinema, dentre outros, enquanto à mulher, nada de pensar livremente ou observar o passar do tempo pela janela, pois facilmente se tornariam alvo dos

⁴⁴ Ibid., p. 4.

⁴⁵ Ibid., p. 4.

⁴⁶ Ibid., p. 4.

“gracejadores de esquina”. Sobre essa frequência aos locais de lazer após o casamento, Elizangela Cardoso destaca:

Nos anos 1920, parte das mulheres dos seguimentos sociais mais abastados frequentavam os espaços de lazer e de sociabilidades. Passeios no jardim da Praça Rio Branco, bailes, cinemas, fazia parte do dia-a-dia de muitas jovens. Contudo, muitas mulheres, quando casavam, deixavam de fluir o lazer, uma vez que era comum o fato de os homens isolarem as esposas no lar e continuarem circulando, nos mesmos espaços, que frequentavam quando solteiros⁴⁷.

O objetivo de Jônatas Batista por meio de Laura possivelmente tenha sido questionar a sociedade teresinense do período, defendendo mais sociabilidades, liberdade de pensar e equivalência entre homens e mulheres, assim como indicar rumos de resistência possíveis. Por meio da comédia, o literato reconhece ainda que colocar sob suspeita a legitimidade das relações de gênero era entendido como uma prática feminista:

Entendo, porém, que deve haver mais justiça, mais equidade. Se isso é feminismo, estou com o meu sexo: - sou feminista. Pois haverá quem diga, em boa fé, que é lícito, que é humano o Jorge se divertir, a dançar, a rir, a passear, sem ver, sem compreender que também preciso viver; sem se lembrar, enfim, de que também sou gente?⁴⁸

114

As falas de Laura podem ser compreendidas como o ápice da crítica de Jônatas Batista em relação à atuação social desempenhada pelas mulheres nas primeiras décadas do século XX, repudiando o confinamento doméstico e o fosso existente entre os direitos de ambos os sexos. Porém, o findar da peça possui importância fundamental, pois não se trata de questionamentos, mas de conjecturas que o literato faz sobre o futuro do embate entre uma sociedade tradicional e as novas demandas femininas.

A modificação radical do comportamento de Jorge pode ser lida como uma constatação sobre os rumos que as relações de gênero seguiam. Para Jônatas Batista, desde a ocasião da candidatura de Josefa Ferraz, os reclames femininos ganhavam espaço e solidariedade na sociedade, portanto, quando Jorge encontra-se dominado pela astúcia de sua esposa e “senta-se cansado e abatido”, o dramaturgo está representando como um seguimento da sociedade, embasada em uma hierarquia tradicional, acabaria com o desgaste de suas estruturas nas relações de gênero: sofrendo a experiência da derrota ao feminismo.

Para Jônatas, somente após o desgaste da forma de pensar social representada por Jorge que as mulheres conseguiriam a equivalência dos sexos, e sua vitória somente seria conquistada pelas próprias mãos, pela

⁴⁷ CARDOSO, 2010, p 353-354.

⁴⁸ BATISTA, 1925, p. 4.

própria astúcia e pelo confronto direto, ao passo que negavam sua condição de dependentes. Após o conflito das mulheres com seu meio seguir-se-ia uma igualdade entre homens e mulheres, que viveriam ambos felizes após o passo do casamento. Eis o que Jorge e Laura cantam para encerrar a peça:

Não mais os negros dissabores
Nem a tristeza um átomo sequer!
Venham do beijo os tépidos ardores
Ai, quanto pode a "astúcia de mulher"⁴⁹.

A trajetória de Jônatas Batista, após rígido inquirido, nos informa sobre os mecanismos com que homens de letras buscavam analisar e interferir nas relações de gênero em Teresina. Ressalta-se que embora o feminismo não tenha se tornado um movimento organizado na cidade, contou com adesão de ambos os sexos, que proporcionaram ampla reflexão sobre as condições femininas. Jônatas Batista, aderindo ao movimento que se desenrolava, fez uso de seu lugar social enquanto homem público buscando contribuir para uma ressignificação das responsabilidades de homens e mulheres na cidade. Com sua escrita e trajetória social subversiva, buscou ampliar o campo de atuação social das mulheres, questionando-as sobre seu confinamento doméstico e convidando-as a adentrarem na arena social.

115

Sobre os autores

Ronyere Ferreira é graduando em História pela Universidade Federal do Piauí e integrante do Grupo de Pesquisa História Social da Cultura: Literatura, Imprensa e Sociedade (cadastrado no CNPq). E-mail: rony-001@hotmail.com.

Teresinha Queiroz é doutora em História pela Universidade de São Paulo; professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: teresinhaqueiroz@bol.com.br.

*Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2015.
Aprovado em 20 de julho de 2015.*

⁴⁹ Ibid., p. 4.